

# CONSTITUINTES NÃO-ANCORADOS DO SINTAGMA NOMINAL: UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA<sup>1</sup>

*Wesley Araujo Aleluia (UFPE)*

**Resumo:** Este artigo verifica relações sintático-espaciais existentes entre constituintes não-ancorados do sintagma nominal – o núcleo e seus modificadores –, buscando descrevê-las a partir da análise da produção sinalizada de três surdos fluentes em Libras. Este trabalho baseia-se na conceituação do espaço de sinalização trazida por Barberà (2012), através da utilização de planos espaciais e da denominada “Visão R-locus”, além de fundamentar-se nos trabalhos de Almeida-Silva (2019), Baker e Cokely (1980), Perini (2001), Quer (2011) e Wilbur (2008, 2013). Foram analisadas sinalizações realizadas no Plano Horizontal, nas regiões central e lateral, e no Plano Vertical, e os resultados apontam que os modificadores estabelecem relação de proximidade espacial com os nomes que acompanham, tendo seu *locus* de sinalização determinado pelo *locus* do núcleo sintagmal que os precede.

**Palavras-chave:** Espaço de sinalização; Libras; Sintagma Nominal.

## INTRODUÇÃO

A linguagem é um componente essencial da experiência humana, servindo como veículo para a expressão de pensamentos, sentimentos e informações. Dentro do vasto campo do estudo das línguas, as línguas de sinais têm recebido crescente atenção de pesquisadores e linguistas, pois apresentam um novo modo de pensar e de se estruturar as línguas humanas, devido a modalidade visual-motora dessas línguas e de como se organizam: espacialmente.

Um aspecto crucial da estrutura linguística que desempenha um papel fundamental na construção de significado é a organização dos sintagmas nominais. O sintagma nominal (SN) é uma unidade linguística composta por um núcleo e seus elementos dependentes. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como em outras línguas, a análise da relação entre o

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Libras, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Jurandir Ferreira Dias Júnior.

núcleo do SN e seus modificadores é de extrema importância para a compreensão da estrutura e funcionalidade dessa língua.

A Libras é uma língua gesto-visual na qual sinais são realizados e organizados no espaço de sinalização para produção de enunciados. O espaço desempenha um papel central na expressão e compreensão da Libras, não apenas por questões articulatórias, mas também apresenta significância linguística. Ele é tridimensional, distribuído à frente do sinalizador e adapta-se às necessidades da mensagem transmitida. Pode ser chamado genericamente de "Espaço de Sinalização", mas se categoriza com base nas diferentes funções que desempenha.

Assim, o espaço pode ser neutro ou determinado (Sá et al., 2012), dividido em planos (Barberà, 2012; Almeida-Silva, 2019); e, suas funções, sintáticas ou topográficas (Poizner et al., 1987), descritiva ou não-descritiva (Quer et al., 2005; Klima e Bellugi, 1979). Além disso, os constituintes do enunciado podem ser distribuídos no espaço de sinalização e interpretados como sendo construções mentais, localizadas nos Espaços Mentais Integrados (Liddell, 1995, 2003) ou compreendidas como determinadas e dispostos no espaço por meio da associação de um *locus* referencial (*R-locus*) aos referentes presentes no discurso (Barberà, 2012).

Ao serem determinados no espaço de sinalização, os referentes estabelecem relações sintáticas com os demais elementos da sentença por meio da relação espacial de associação entre os *loci* desses elementos. Isso pode ocorrer de diversas maneiras, dentre elas: pelo uso da apontação e pelo estabelecimento de concordâncias verbo-nominais. Os *loci* determinados, assumindo índices referenciais, apresentam características específicas, quais sejam: infinitude, determinação pelo discurso e não-ambiguidade, e são distribuídos no espaço de sinalização, contrastivamente, marcando pontos geométricos, delimitados por regiões específicas.

Os pontos geométricos podem ser estabelecidos ou referenciados no espaço de sinalização através da apontação, que pode ser sincrética ou não-sincrética (Almeida-Silva, 2019). O autor identifica que as apontações sincréticas apresentam as funções demonstrativa não-gramaticalizada e adverbial, enquanto as apontações não-sincréticas possuem funções de pronome pessoal, demonstrativos gramaticalizados e artigo definido.

Quanto à análise sintática dos modificadores do SN na Libras, estudos destinados a aprofundar a temática são escassos. A maior parte da literatura existente volta-se para a pesquisa dos termos essenciais da oração, uma vez que eles assumem papel de destaque na sentença. A análise das relações que os modificadores desempenham junto ao núcleo do

sintagma nominal pode explicar alguns fenômenos importantíssimos que a Libras apresenta, especialmente por sua modalidade espacial de organização, que possibilitará melhor entendimento sobre a função que desempenham e como devidamente organizá-los nas sentenças sinalizadas – o que propomos realizar nesta pesquisa.

Por meio desta pesquisa (exploratória), pretendeu-se compreender como essas categorias gramaticais se organizam sintático-espacialmente e como contribuem para a construção de significados na Libras. Foram utilizadas entrevistas de três surdos com diferentes perfis, selecionadas do *Corpus da Libras*, verificando as produções de sintagmas nominais com constituintes (núcleo e modificadores) não-ancorados na sinalização desses surdos. Os resultados apontam que os modificadores nominais não-ancorados que restringem ou completam a significação de nomes também não ancorados estabelecem relação de proximidade espacial com estes nomes, de modo que toda a sinalização do SN é realizada numa mesma região (do mesmo plano espacial), para a efetivação dessas relações sintáticas.

Através dessa análise, esperamos não apenas ampliar nosso entendimento da organização gramatical da Libras, mas também contribuir para ensino de Libras como segunda língua, visto a ausência dessa temática nos currículos atuais dos cursos voltados para a área, bem como para a promoção da inclusão e comunicação eficaz entre surdos e ouvintes.

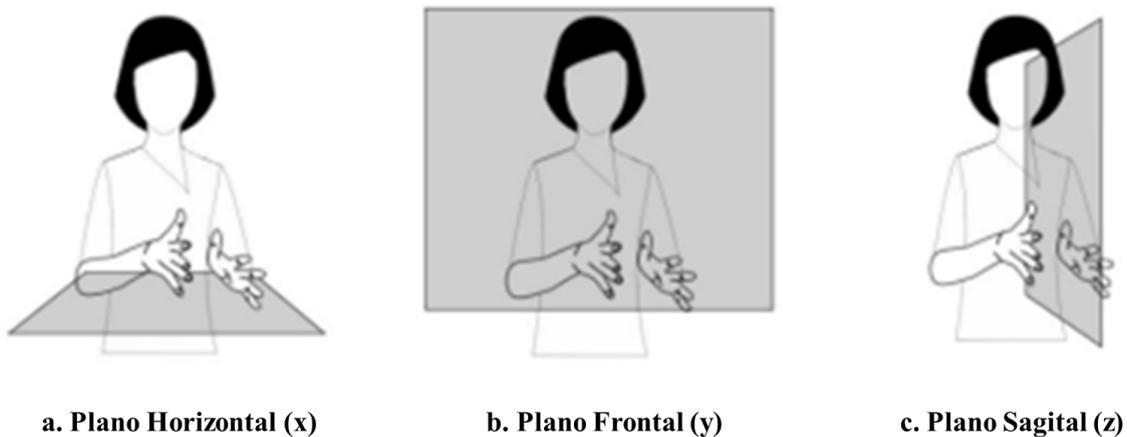
## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) caracteriza-se por sua modalidade gesto-visual. Essa característica fundamental implica que a Libras se desenvolve por meio da articulação, sequencial ou concomitante, de sinais executados e organizados espacialmente. Esse espaço assume um papel central na expressão e compreensão da Libras, pois não é usado apenas para razões articulatórias onde as mãos e os braços podem se mover, mas, mais importante, carrega significado linguístico (Klima e Bellugi, 1979).

Tridimensionalmente definido e distribuído horizontal (eixo X), vertical (eixo Y) e longitudinalmente (eixo Z) à frente do sinalizador (Langevin e Ferreira-Brito, 1988), o espaço é altamente dinâmico e versátil, adaptando-se às necessidades da conversa e às nuances da mensagem transmitida – como estabelecer referências, realizar concordâncias, apresentar marcas temporais e construir narrativas. Pode ser denominado, genericamente, de “espaço de sinalização”; no entanto, é importante notar que sua categorização pode variar, dependendo do enfoque funcional que se pretende atribuir a ele.

Barberà (2012) apresenta o espaço subdividido em três planos: o Plano Horizontal, onde a maioria dos sinais são realizados (Figura 1a) – o qual é subdividido em três regiões: ipsilateral, determinada pela mão dominante; contralateral, determinada pela mão não-dominante; e central, alinhada à região frontal da face (cf. Almeida-Silva, 2019; Sandler, 1989; Liddell e Johnson, 1989) – ; o Plano Frontal, definido por todos os pontos que podem ser encontrados paralelamente ao corpo (Figura 1b), subdividido em parte superior e parte inferior; e o Plano Sagital, verticalmente perpendicular ao corpo do sinalizador (Figura 1c), o qual define a proximidade/distância da realização de um sinal em relação ao corpo do sinalizador. A autora também apresenta a “Visão R-locus” em contraste com a “Visão do Mapeamento Espacial” proposta por Liddell (1995).

Figura 1 - Planos do espaço de sinalização



Fonte: Barberà (2012. Tradução nossa.)

A “Visão do R-locus” toma em conta as localizações no espaço como integradas à gramática da língua (Barberà, 2012). Nessa concepção, as localizações atribuídas a um referente são identificadas com um índice referencial denominado R-índice (ou *R-locus*). Esses índices são variáveis cujos conteúdos são determinados a partir do discurso e, uma vez determinados, são claramente percebidos, pelos receptores da mensagem, como sendo o conteúdo “armazenado” numa variável *R-locus* determinada; assim, o sinalizador estabelece uma relação formal entre o referente e a localização, para uso posterior no discurso. Em outras palavras, quando um sinalizador situa um referente no espaço de sinalização, ele está indicando que, quando fizer posterior referência à localização espacial determinada, estará, na verdade, se referindo àquele referente, previamente determinado.

Como a localização espacial é compreendida conceitualmente como um índice, ela apresenta: infinitude (há um número infinito de locais onde um índice pode ser estabelecido), determinação pelo discurso (o local não possui, intrinsecamente, especificações lexicais que façam um índice ser estabelecido nesse local) e não-ambiguidade (cada ponto no espaço é relacionado a um único referente em um determinado trecho do discurso).

Quanto a localização dos pontos estabelecidos no espaço de sinalização, Barberà (2012) destaca o seguinte:

Se os pontos no espaço fossem precisamente o que importa, seria difícil determinar a área concreta para onde o sinal de apontação é direcionado. Como um sinal de apontação é um formato de mão indicador com a ponta do dedo orientada para algum lugar, delimitar exatamente onde está o ponto exato e relevante torna-se uma tarefa impossível. O ponto relevante pode estar a 5 cm da ponta do dedo, mas também pode estar a 20cm, ou mesmo a 3 metros. Assim, determinar precisamente o seu ponto físico final torna-se uma árdua tarefa, até mesmo impossível (tradução nossa).

Nesse sentido, Wilbur (2008) identifica que um referente pode ser indexado a uma localização espacial e que essa localização se traduz num formato de ponto no espaço de sinalização, denominado, pelo autor, de “ponto geométrico”. Independentemente de onde seja localizado, esse ponto indicará que tal localização está associada a um referente especificado pelo discurso. Entretanto, esse ponto não é um ponto físico, determinado por coordenadas X, Y e Z (Wilbur, 2013), mas é determinado por sua capacidade de ser categorialmente interpretado como um *loci* referencial (Quer, 2011) e de ser distinguido de outros pontos estabelecidos no espaço. Portanto, a sua natureza física do ponto não é linguisticamente relevante.

Os referentes estabelecidos no espaço são, essencialmente, sintagmas nominais, cujo núcleo é composto por um nome, que pode ser seguido por modificadores. Nomes (como M-A-R-I-A, IRMÃO, RIO, ÁRVORE) podem ser, e geralmente são, localizados (determinados) no espaço de sinalização se são do tipo não-ancorados<sup>2</sup>; ou se são ancorados no corpo mas o sinalizador deseja fazer referência posterior a eles (Baker e Cokely, 1980). Os autores indicam que mesmo ideias abstratas também podem ser determinadas locativamente no espaço.

---

<sup>2</sup> Sinais não-ancorados são geralmente tratados como aqueles sinais realizados no espaço neutro (Zeshan, 2003; Carneiro, 2020), porém, neste trabalho, dizem respeito àqueles sinais que não possuem restrições quanto à possibilidade de serem sinalizados em localizações não específicas.

As estratégias que um sinalizador pode utilizar para a localização dos referentes no espaço são variadas. Se o sinalizador deseja relatar um evento no qual pessoas ou coisas estavam dispostas em um arranjo específico, sua sinalização tenderá a dispor esses elementos<sup>3</sup> no espaço de sinalização como se apresentavam no espaço físico. Então, o sinalizador deseja relatar sobre alguém que, no espaço físico, estava localizado à sua esquerda: no espaço de sinalização, essa pessoa ocupará um ponto também à esquerda do sinalizador; ou quatro pessoas sentadas em círculo: no espaço de sinalização, serão elas posicionadas em círculo (idem, ibidem). Se, posteriormente, o sinalizador desejar retomar essas mesmas quatro pessoas em outra disposição espacial, esses referentes também serão reorganizados no espaço de sinalização, buscando representá-los como se apresentam na “vida real”. Essa estratégia é denominada, pelos autores, como *Princípio da Realidade*.

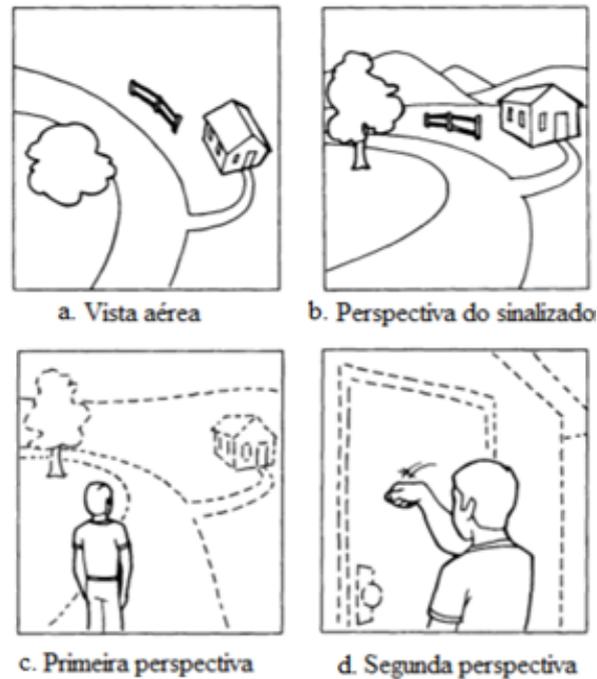
Já para referentes cujo arranjo espacial real seja desconhecido (como em uma reunião de trabalho que ainda ocorrerá no futuro), o *Princípio da Realidade*, obviamente, não pode ser seguido, pois o sinalizador não tem a referência do arranjo espacial para representá-lo no espaço de sinalização. A atribuição de locais a esses referentes, portanto, se dá pela ordem que se sucedem na narrativa, em padrões espacialmente contrastivos, ao que os autores denominam de *Ordem dos referentes com localização “desconhecida”*. Desse modo, sinalizantes destes tendem a localizar o primeiro referente narrado à direita e, o segundo, à esquerda, por exemplo. Porém, os locais determinados pelo sinalizador podem variar, a depender da quantidade de referentes apresentados e das relações existentes entre eles, de modo que outros arranjos são possíveis.

Baker e Cokely reconhecem a complexidade do elaborado uso do espaço na ASL, mas, de modo geral, sugerem quatro princípios: **a)** uma vez determinado, todas as referências feitas a um referente serão direcionadas ao ponto onde foi inicialmente fixado, a menos que o referente tenha sido claramente movido de lugar ou que o tópico da narrativa tenha mudado; **b)** outros participantes da conversa também farão consistente uso do mesmo local quando fizerem referência a um elemento determinado, previamente, por outro sinalizador; **c)** na contação de uma história ou descrição de cenas, é oportuno realizar, mentalmente, um mapeamento aéreo da configuração geral dos elementos que serão utilizados na narrativa (Figura 2a-b); e **d)** a referência da localização dos elementos pode mudar tanto pelo deslocamento desses elementos no espaço – ao transcorrer da produção de uma narrativa – quanto pela mudança de perspectiva – pela qual se orienta, o sinalizador (Figura 2c-d).

---

<sup>3</sup> “Elemento(s)” resume o que Baker e Cokely (1980) colocam como “*persons, things or places*”.

Figura 2 - Mapeamento aéreo e perspectivas do sinalizador



Fonte: Baker e Cokely (1980. Adaptado. Tradução nossa.)

Os elementos podem ser estabelecidos no espaço utilizando-se, isoladamente ou em conjunto, as seguintes formas: **a)** realizar a sinalização em um local específico; **b)** realizar a datilologia de um referente em um local específico; **c)** direcionar a cabeça e os olhos (e, às vezes, o corpo) para uma localização particular, durante a realização de um sinal ou datilologia; **d)** usar uma apontação após um sinal para um referente; **e)** usar uma apontação numa localização particular quando o referente for óbvio; **f)** usar um classificador, representante do referente, em uma localização particular; e **g)** usar um verbo direcional quando o referente for identificável<sup>4</sup>.

Através da apontação, os referentes podem ser estabelecidos no espaço ou retomados (referenciados) durante o discurso. Almeida-Silva (2019) apresenta categorias e funções da apontação realizada com o dedo indicador (IX) em Libras, dividindo-as entre formas sincréticas (pronome pessoal, demonstrativos gramaticalizados e artigo definido) e não-sincréticas (adverbiais e demonstrativos em contextos não-gramaticalizados).

A primeira função da apontação não-sincrética apresentada pelo autor é a “Função demonstrativa não-gramaticalizada”. Este tipo de apontação difere das demais apontações, pois ela assume uma forma de gesto, possuindo maior duração e é a única na qual os braços

<sup>4</sup> Nas letras “d” e “e”, Baker e Cokely (1980) utilizam o termo “*pronoun*”, porém, optamos pelo termo “apontação”, pois, como mostrado neste trabalho, os pronomes correspondem a apenas uma das funções da apontação em Libras.

do sinalizador podem ficar completamente estendidos. Esta apontação toma como ponto de referência a localização física real do referente – baseando-se em informações extralinguísticas para seu estabelecimento – e, portanto, não são previstas pelo sistema linguístico. Além disso, “geralmente se observa: 1. a quebra prosódica da sentença para se destacar o elemento apontado e 2. o acompanhamento obrigatório do olhar e do corpo para o elemento para o qual se deseja chamar a atenção do interlocutor” (Almeida-Silva, 2019).

A segunda função da apontação não-sincrética da Libras se dá por sua função adverbial, que pode ocorrer pré ou pós-nominalmente. O autor defende que a apontação adverbial ocorre no “Plano Inclinado”, perpendicularmente transversal ao Plano Horizontal (da Figura 1a), que divide o corpo do sinalizador em inferior descendente e superior ascendente, representando distâncias proximais e distais que o sinalizador estabelece com base no sinal AQUI (realizado no ponto mais baixo do plano inclinado).

Sobre as formas sincréticas da apontação, o autor apresenta três formas homófonas:  $IX_{dem}$  pós-nominal (demonstrativo gramaticalizado),  $IX_{pro}$  junto a verbos (pronomes pessoais) e  $IX_{det}$  pré-nominal (artigo definido). Inicia pela “Função demonstrativa gramaticalizada”, mostrando que a apontação pós-nominal é melhor analisada como um demonstrativo ( $IX_{dem}$ ), a qual possui concordância de número e concordância espacial com o *locus* do nome que a precede – embora o autor reconheça que  $IX_{dem}$  também pode aparecer em posição pré-nominal, possivelmente por ainda estar em processo de gramaticalização, e, sobre essa distinção, escreva:

- i.  $IX$  pós-nominal pode receber acento, ênfase, ser alongado e repetido, enquanto  $IX$  pré-nominal não permite estas modificações; e
- ii.  $IX$  pré-nominal deve apontar somente para o espaço lateral no plano horizontal, mas não pode apontar no plano horizontal inclinado, aquele dos advérbios locativos, enquanto  $IX$  pós-nominal pode utilizar ambos os espaços (Almeida-Silva, 2019).

Continuando com as formas sincréticas da apontação em Libras, Almeida-Silva (2019) propõe que a “Função pronominal” apresenta-se em unidades multimorfêmicas, pois ele assume a existência de morfemas espaciais para 1ª, 2ª e 3ª pessoa (localizados nas posições ego-facial-alinhada, ego-facial-oposta e lateral, respectivamente). O autor ainda ressalta que a pontuação pronominal de 3ª pessoa possui forma homófona às apontações pré e pós-nominal, diferenciando-se destas pela saturação da grade argumental do verbo, na ausência de um nome precedente na sentença. Já a “Função de artigo” é representada pela apontação pré-nominal, que pode ter se gramaticalizada a partir do pronome de 3ª pessoa

singular e plural, e é utilizada para decodificação de definidos fortes na sinalização de surdos bilíngues.

Além dessas funções da apontação, o autor problematiza a apontação em Libras, afirmando que, assim como observado por Zorzi (2018) na Língua de Sinais Catalã, o estabelecimento de coordenação assindética em Libras é realizado por meio do uso contrastivo dos espaços laterais – nominalmente os espaços ipsi e contralateral, do Plano Horizontal. Ademais, “na ausência de uma conjunção, o uso de Marcas Não Manuais (MNM) entra em cena para demarcar os limites entre as unidades sintáticas que estão sendo coordenadas. Entre as MNMs utilizadas estão a ‘inclinação da cabeça’ e a ‘mudança na posição do tronco para os espaços laterais’” (Almeida-Silva, 2019).

Portanto, como a coordenação carece de que referentes (ou de sentenças) sejam posicionados no espaço de sinalização, pode-se fazer uso da apontação (IX) para determinação desses referentes. Assim, essas apontações podem apresentar função demonstrativa (IX<sub>dem</sub>), definitiva (IX<sub>det</sub>), ou mesmo indeterminada (IX), porém, independentemente da categoria funcional utilizada para determinação espacial do primeiro elemento, a interpretação da estrutura sintática do segundo elemento coordenado recebe a mesma leitura que a do primeiro, mesmo no caso de elipse nominal (*gapping*).

Considerando o sintagma nominal, além do nome (núcleo), ele pode ser constituído por outros termos que atuarão sobre a semântica do núcleo. Analisando a gramática da Língua Portuguesa, Perini (2001) subdivide o sintagma nominal em duas seções: a área esquerda – que compreende os termos antecedentes ao núcleo do SN, categorizados por seis posições fixas (determinante, possessivo, reforço, quantificador, pré-núcleo externo e pré-núcleo interno) e quatro posições variáveis – e área direita – que é composta pelo núcleo do sintagma e os termos que sucedem, os quais são denominados de modificadores. Esses termos não se limitam a palavras individuais, mas podem compreender expressões, assim como orações.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolveu-se sob a perspectiva exploratória, pois buscou aprofundar conceitos preliminares sobre a temática abordada, não contemplados satisfatoriamente pela literatura existente (Raupp; Beuren, 2003), uma vez que falta aprofundamento de pesquisas voltadas para a sintaxe da Libras, especialmente em relação aos modificadores do SN, sobre os quais não foram encontrados estudos que se proponham a investigá-los sistematicamente.

Ferri (2011) afirma que a pesquisa exploratória “tem por objetivos aprimorar ideias; levantar hipóteses sobre assuntos pouco explorados; estabelecer relações entre fenômenos; identificar cursos relevantes de ação; obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem”. Portanto, esta pesquisa não se propôs a estabelecer distinção categórica entre os tipos de função sintática desempenhada pelos modificadores observados, mas sim quais as relações sintáticas-espaciais que eles apresentam com nomes não-ancorados em ponto fixo.

Para a coleta de dados, foi utilizado o *Corpus da Libras*, um projeto desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), através do qual tem sido construído um inventário da Língua Brasileira de Sinais, cujo objetivo é o registro e a documentação não apenas da Libras mas também de outras línguas faladas no território brasileiro, para comporem o Inventário Nacional de Diversidade Linguística.

Por não possuir escrita consolidada, e principalmente por ser de modalidade gesto-visual, o registro da Libras tem sido realizado por meio da filmagem em vídeo de pessoas surdas de diversos estados do Brasil, em variadas modalidades de expressão (como poemas, contação de histórias e entrevistas). “A documentação da Libras está sendo uma forma de organizar as informações sobre essa língua e mapear os aspectos linguísticos que a constitui” (Quadros *et al.*, 2020), sendo, portanto, um instrumento de análise que proporciona um vasto arcabouço documental, sob o qual se baseou este estudo.

Foram retiradas três amostras do Inventário Nacional da Libras, do corpus denominado “Surdos de Referências”, da categoria *Entrevista*, na qual, por meio de uma entrevista semiestruturada e aberta, buscou-se

eliciar do informante relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a Libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais (Quadros *et al.*, 2020).

As entrevistas tiveram duração entre 30 e 37 minutos, sendo registradas por 4 câmeras, em estúdio, distribuídas com os seguintes enquadramentos (Figura 3): plano americano, ângulo de perfil, da entrevistadora e do entrevistado; plano americano, ângulo de 3/4, da entrevistadora; plano americano, ângulo de 3/4, do entrevistado; e plano plongée, também de ambos. Na realização da análise, optou-se pelo uso dos dois últimos

enquadramentos, por entender-se que eram suficientes para a observação do fenômeno hipotetizado.

Figura 3 - Enquadramentos nas entrevistas



Fonte: Quadros et al. (2020)

A escolha desses três participantes se deu pela variabilidade de perfil (Tabela 1), principalmente o fator geográfico, que permitiu testar a hipótese em diferentes recortes estratificados da população surda de diferentes regiões brasileiras, visto que o corpus analisado tem caráter representativo das comunidades surdas presentes nesses estados, contribuindo para uma análise mais abrangente das variações da língua no país.

Tabela 1 - Informações sobre os participantes

Categoria	Participante		
	P1	P2	P3
<b>Sexo</b>	Masculino	Feminino	Feminino
<b>Contato com a Libras</b>	Adolescência	Adolescência	Vida Adulta
<b>Familiares surdos</b>	Irmão	Filho	10 familiares surdos
<b>Tipo de escola frequentada</b>	Escola de ouvintes	Primeiro turno, escola oralista Segundo turno, escola de inclusão	Escola de surdos
<b>Escolaridade</b>	Superior	Superior	Superior
<b>Estado</b>	Pernambuco	Santa Catarina	Mato Grosso do Sul

**Fonte:** Elaboração própria.

A análise das produções dos surdos entrevistados foi feita, inicialmente, buscando-se encontrar a sinalização de substantivos, conforme critérios de nominalização (cf. Felipe, 2006), e, logo em seguida, a identificação de sinais que apresentassem restrição ou complementação semântica do nome a que faziam referência, em outras palavras, modificando-o, de modo que, preferencialmente, todos os elementos dos sintagmas nominais selecionados fossem do tipo não-ancorados.

Embora muito empregado em pesquisas como esta, optou-se por não utilizar o ELAN<sup>5</sup> na análise dos dados, tendo em vista maior familiaridade com outras plataformas de vídeos e textos, que permitiram mais celeridade ao andamento da pesquisa. Assim, recortes dos vídeos nos quais se percebeu indícios da presença de modificadores nominais foram sinalizados e transcritos, à parte, para o português<sup>6</sup>, objetivando-se a realização de análise posterior, tanto para determinação sintática dos termos indiciários como para a compreensão da relação desenvolvida no espaço de sinalização entre esses modificadores e o núcleo do SN.

<sup>5</sup> O ELAN (Eudico Linguistic Annotator) é um programa que apresenta ferramentas de anotações em gravações de áudio e/ou vídeo, através do qual é possível realizar operações que facilitam a análise de trechos do material utilizado e registros feitos pelo pesquisador.

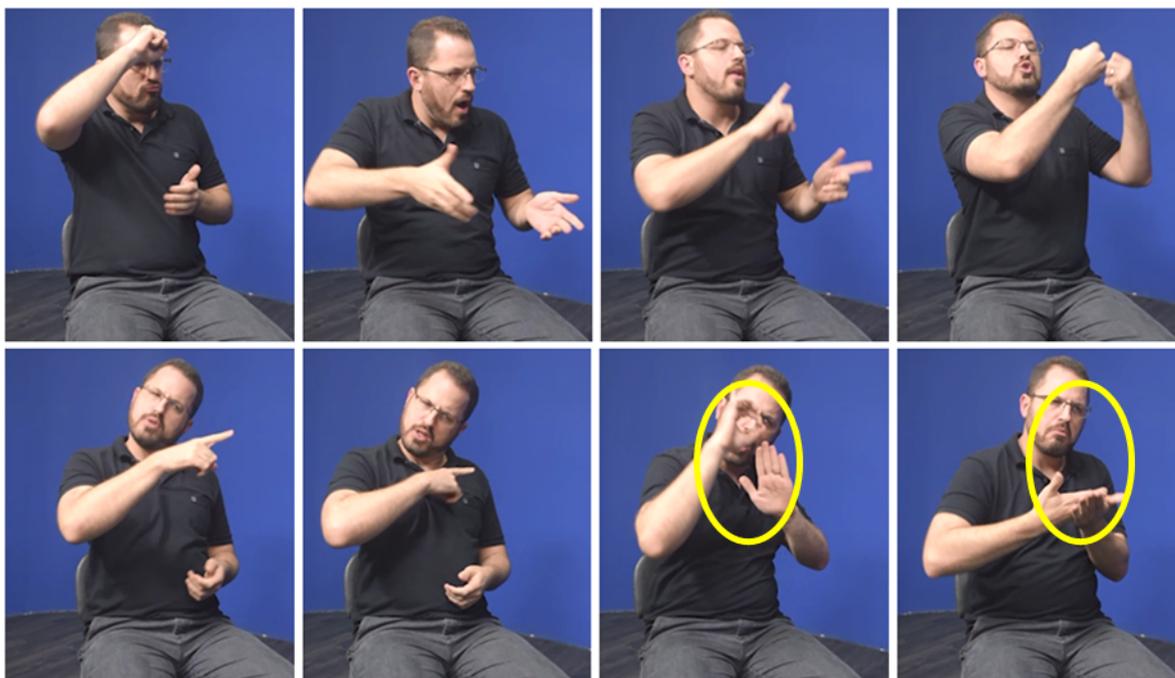
<sup>6</sup> Utilizou-se o modelo de transcrição proposto por Felipe (1998).

## DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados obtidos, buscou-se verificar a relação espacial entre o local de realização do núcleo do sintagma nominal e o local de realização dos modificadores que o seguissem. Partiu-se da hipótese que, assim como outras relações sintáticas são estabelecidas a partir da interação entre referentes espaciais, como verbos com concordância e as mais variadas funções da apontação, o local de sinalização dos modificadores nominais tenderia a estabelecer uma relação de proximidade com o local onde foi previamente sinalizado o nome ao qual fazem referência. Foram encontradas sinalizações realizadas tanto no Plano Horizontal (PH) quanto no Plano Vertical (PV).

Relatando sobre como se deu seu início de aprendizagem na Libras, P1 relata que um colega de infância voltou a estudar novamente com ele no Ensino Médio. Esse colega, também surdo, tinha se tornado fluente em Libras e passou a ensiná-lo. Após algum tempo, quando P1 já tinha se apropriado da língua, ele relata que seu amigo lhe informou sobre o direito que ele tinha de ter um intérprete, conforme a Figura 4, transcrito da direita para a esquerda em (1).

Figura 4 - Relato de P1 - Sintagma nominal localizado no Plano Horizontal



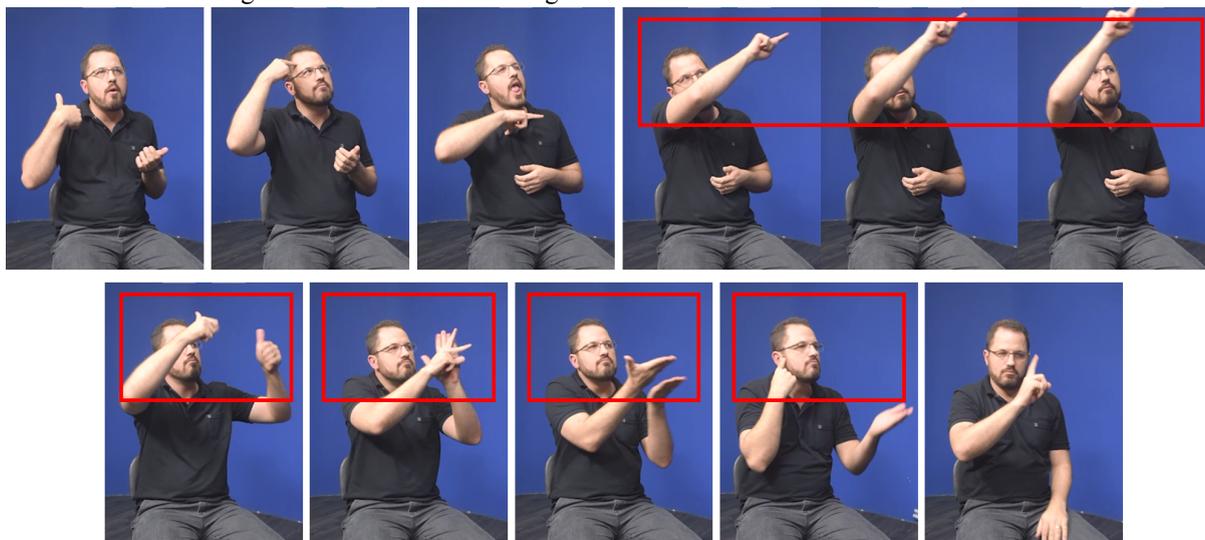
Fonte: Quadros et al. (2020)

(1) APRENDER JÁ, DEPOIS EXPLICAR: “VOCÊ TER DIREITO INTÉRPRETE”

No relato apresentado na Figura 4, P1 faz uso da incorporação para indicar que a frase “VOCÊ TER DIREITO INTÉRPRETE” foi proferida por seu amigo, não por ele. A sinalização do nome DIREITO é realizada na região central do Plano Horizontal, logo à frente do sinalizador, e é seguida pela sinalização do modificador INTÉRPRETE, apresentando a que P1 tinha direito de ter. Percebe-se, como indicam as marcações em amarelo, que INTÉRPRETE é realizado próximo ao local onde DIREITO foi anteriormente sinalizado, isto é, também na região central do PH e à frente do sinalizador.

Em outro momento da entrevista, a entrevistadora questiona P1 se costumava utilizar a Libras na escola. P1 relata que, na escola onde estudava, não havia intérprete; por isso, ao passo que seus colegas ouvintes se desenvolviam intelectualmente, ele sentia-se atrasado em relação à turma. Logo em seguida, ele realiza a sinalização apresentada na Figura 5 – com transcrição, da direita para a esquerda, em (2). O termo “escola” não é sinalizado, mas é apreendido pelo contexto e localizado espacialmente (e pluralizado) através da apontação e da direção do olhar, na parte superior do Plano Vertical.

Figura 5 - Relato de P1 - Sintagma nominal localizado no Plano Vertical



Fonte: Quadros et al. (2020)

(2) EU PENSAR TER IX>+>+ MELHOR, PRÓPRIO ATENDIMENTO SURDO NÃO<sup>7</sup>

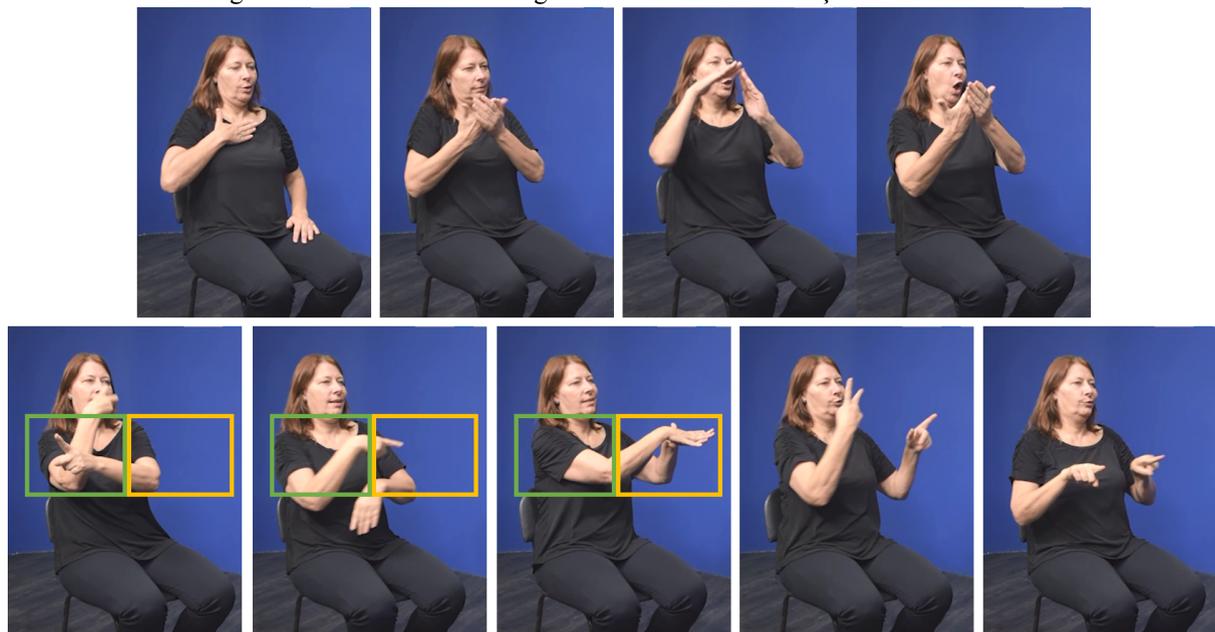
Tanto o sinal MELHOR quanto a construção “PRÓPRIO ATENDIMENTO SURDO” qualificam o nome “escolas”, ambos estabelecendo, com ele, relação sintática de

<sup>7</sup> Em (2), a vírgula foi inserida para clarificar a noção de que MELHOR faz referência ao termo “escolas”, não ao termo “atendimento” – como pode vir a ser interpretado observando-se apenas a sequência de imagens da Figura 5 –; referência essa que pode ser melhor observada através da sinalização em vídeo, a qual se estabelece, possivelmente, por questões prosódicas – hipótese ainda a ser testada em pesquisas futuras, visto que não é o alvo deste presente trabalho.

modificador. Como indicado pela área vermelha (Figura 5), pode-se perceber que todos esses termos apresentam realização deslocada para a parte superior do PV, onde o referente “escolas” foi previamente determinado por IX. Ainda nesta sentença, embora não sejam o foco deste trabalho, o sinal ancorado SURDO aparece como modificador do nome ATENDIMENTO, e uma das estratégias utilizadas pelo sinalizador para estabelecimento da relação sintática existente entre esses dois termos foi a manutenção do olhar dirigido à mesma parte do plano onde ATENDIMENTO foi sinalizado.

Nos dados analisados, também verificou-se a ocorrência de sintagmas nominais em estruturas coordenadas, conforme observado no relato de P2, quando questionada sobre qual tipo de escola frequentara. Respondendo a pergunta, P2 diz ter frequentado uma escola de métodos oralistas e uma escola inclusiva concomitantemente, localizando a primeira no espaço ipsilateral (área esverdeada – Figura 6) e, a segunda, no espaço contralateral (área alaranjada – Figura 6) do PH. A sinalização da Figura 6, da direita para a esquerda, encontra-se transcrita em (3).

Figura 6 - Relato de P2 - Sintagmas nominais em construções coordenadas



Fonte: Quadros et al. (2020)

\_\_\_\_\_ ipsilateral      \_\_\_\_\_ contralateral

(3)    EU ESTUDAR ESCOLA IXa ORALIZAÇÃO      IXb INCLUSIVA  
DUAS CONCOMITANTE

O núcleo do sintagma (ESCOLA) foi sinalizado inicialmente na região central do Plano Horizontal mas, logo após, determinado ipsilateralmente no PH (área alaranjada –

Figura 6) através de IX, que coocorre com o sinal ancorado ORALIZAÇÃO, e, na sequência, IX é dirigido para o espaço contralateral, contrastando com o primeiro elemento, de modo que, mesmo tendo sido elidido, por se tratar de uma construção coordenada, há o entendimento que o segundo termo desse conjunto é também “escola” – que é acompanhado pelo modificador INCLUSIVA, também realizado contralateralmente no PH.

Assim como observado no primeiro exemplo (Figura 4), no qual a sinalização do nome na região central do PH foi seguida pela sinalização de um modificador também na mesma região e no mesmo plano, observou-se o mesmo ocorrendo com modificadores no relato de P3, em dois momentos diferentes da entrevista. No primeiro, falando sobre seu cotidiano de trabalho em um CAS (Centro de Apoio ao Surdo), ela afirma que todos os dias surgem sinais novos pelo fato de os surdos estarem constantemente entrando em contato com palavras (conceitos) que, antes, desconheciam (Figura 7a). No segundo, respondendo a pergunta do motivo pelo qual aprendeu a Libras, P3 afirma que se interessou pela língua ao ver um grupo de surdos sinalizando em uma festa junina de uma escola (Figura 7b).

Figura 7 - Relato de P3 - Núcleos e modificadores do sintagma nominal na região central do PH



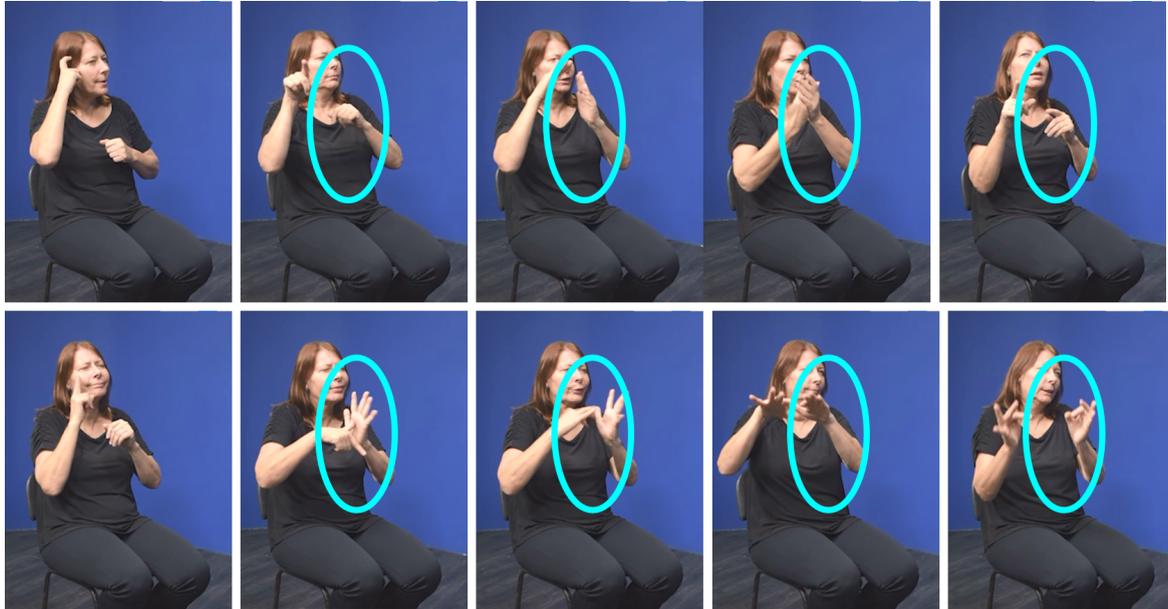
Fonte: Quadros et al. (2020)

- (4) (A) TODO-DIA SINAL NOVO PORQUE CONHECER PALAVRA NOVA  
(B) EU VER FESTA SÃO-JOÃO ESCOLA

Em (4a), primeiramente é sinalizado SINAL, na região central de PH, seguido pelo modificador NOVO, que o caracteriza, sinalizado também no PH. Semelhantemente sucede-se ao nome PALAVRA, que tem NOVA como modificador: ambos realizados na região central do PH. Tal qual em (4a), em (4b), SÃO-JOÃO é utilizado para caracterizar FESTA, modificando esse termo, com ambos realizados na mesma delimitação espacial (área

lilás - Figura 7). Porém o mesmo não é observado na sinalização da Figura 8 – transcrita, da direita para a esquerda, em (5).

Figura 8 - Relato de P2 - Núcleos e modificadores sinalizados na região central e contralateral do PH



Fonte: Quadros et al. (2020)

\_\_\_\_\_ ipsilateral

(5) APAS IX<sub>dem</sub> ESCOLA IX

\_\_\_\_\_ ipsilateral

SURDOS ATRASADOS, TOD@S IR-PARA-LÁ<sub>CL</sub> SIMPLES

Antes do trecho retratado na Figura 8, P2 afirma ter trabalhado na APAS, que ela identifica como sendo uma escola que atendia alunos surdos com dificuldades de aprendizado – “SURDOS ATRASADOS”. Nesse trecho em questão (5), o uso contrastivo do espaço se dá pela utilização da região ipsilateral e central do PH.

IX<sub>dem</sub> determina APAS na região ipsilateral, contrastando com a sinalização que é realizada na região central (sinalizado em azul claro - Figura 8), utilizada para localizar os alunos “atrasados”. Ao final da sentença, P2 realiza o sinal SIMPLES, porém, como se pode perceber, sua realização acontece deslocada da região central para a ipsilateral, não permitindo, portanto, a leitura de SIMPLES como modificador de “alunos atrasados”, mas sim que algo relacionado à escola era “simples”. Pelo contexto da sinalização, é possível compreender que o termo “simples” refere-se às atividades desenvolvidas pelos alunos na

APAS, o que é confirmado na sequência da narrativa, quando P2 explica que era professora de artes, desenvolvendo atividades “simples” de pintura com os alunos.

## CONCLUSÃO

Analisando-se os dados obtidos, foram encontrados nomes não-ancorados realizados na parte superior do Plano vertical e na região central e laterais do Plano Horizontal, em estruturas coordenadas, seguidos por modificadores não-ancorados presentes nas respectivas regiões nas quais foi determinado o núcleo do SN.

Pode-se concluir, que, no sintagma nominal nucleado por nome não-ancorado, os modificadores nominais não-ancorados que acompanhem o núcleo do sintagma apresentam *locus* de realização no mesmo espaço<sup>8</sup> de sinalização no qual o núcleo foi previamente determinado, ou seja, é necessário que exista correlação entre o *locus* do núcleo nominal e os *loci* de seus modificadores; caso contrário, a “verdade da sentença” é alterada, isto é, a relação entre os constituintes do sintagma não é efetivada (como observado na Figura 8).

Comparando-se as sinalizações da Figura 7a e 7b, pode-se perceber que as coordenadas físicas dos posicionamentos dos sinais varia: ora mais à esquerda, ora mais à direita, ora mais acima da região central do PH; porém aqui é válido o conceito de ponto geométrico, e pode-se perceber que tanto o núcleo do SN como seus modificadores apresentam realização contida numa área espacial de mesma delimitação.

Isso também é verdade nas sinalizações realizadas em outros planos de sinalização, como o Plano Vertical (Figura 5) e as construções com estruturas coordenadas, na qual se utilizou os espaços laterais do PH (Figura 6). No caso das estruturas coordenadas, os modificadores que acompanham os nomes ipsi e contralateralmente posicionados também obedecem o mesmo arranjo espacial dos nomes aos quais seguem, sendo, de igual modo, espacial-contrastivamente realizados. E, no caso apresentado na Figura 5, toda a sinalização do SN é dirigida à parte superior do Plano Vertical.

Nos dados analisados, também foram observadas diversas construções sinalizadas que combinavam diferentes tipos de constituintes do sintagma nominal, ancorados e não-ancorados, que não foram contemplados neste trabalho, configurando-se um campo a ser explorado em pesquisas posteriores, visto que não foram encontradas descrições, na literatura, para esses tipos possíveis de combinações na Libras.

---

<sup>8</sup> Considerando-se a intergracionalidade possível entre os três planos (horizontal, vertical e sagital), e suas subdivisões, para determinação de localizações espaciais (Barberà, 2012), optou-se, aqui, pelo termo “espaço” em lugar de “plano”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA, Anderson. **A (in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica**. 2019. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BAKER, C., & COKELY, D. **American Sign Language: A teacher's resource text on grammar and culture**. Silver Spring, MD: T. J. Publishers. 1978.

BARBERÀ, G. A. **The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC): Reference, specificity and structure in signed discourse**. Tese (Doutorado) – Universidade Pompeu Fabra, 2012.

CARNEIRO, B. G. **A categoria 'número' em línguas de sinais. Tese. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, 2020.

FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. 1998. 143 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na Libras**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun, 2006.

FERRI, C. (Org.). **Produção acadêmico-científica[recurso eletrônico]: a pesquisa e o ensaio**. Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2011. Disponível em: [encurtador.com.br/cnsw4](http://encurtador.com.br/cnsw4). Acessado em 30 ago. 2023.

KLIMA, E. & U. BELLUGI. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1979.

LANGEVIN, R.; FERREIRA-BRITO, L. **Negação em uma língua de sinais brasileira**. Anais do XI Encontro Nacional de Linguística. PUC/SP, 1988.

LIDDELL, Scott K. Real, surrogate, and token space: Grammatical consequences in ASL. In: EMMOREY, Karen; REILLY, Judy. **Language, gesture, and space**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995. p. 19-41.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, Scott & Robert JOHNSON. 1989. **American Sign Language: The Phonological Base**. *Sign Language Studies* 64:195-277

PERINI, Mário (2001). **Gramática descritiva do português**, São Paulo: Editora Ática.

POIZNER, Howard, Edward KLIMA & Ursula BELLUGI. 1987. **What the Hands Reveal about the Brain**. Cambridge, MA: MIT Press/Bradford Books.

QUADROS, Ronice Müller de et al. **Corpus de Libras**. Florianópolis, UFSC, 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

QUADROS, R. M.; SILVA, J.B; MACHADO, R.N; LUDWIG, C.R. **Inventário Nacional de Libras. Fórum Linguístico**. Florianópolis, v.16, n. 4, p. 5457-5474, dez. 2020.

QUER, Josep et al. **Gramàtica bàsica LSC**. CD-ROM. Barcelona: Federació de persones sordes de Catalunya. 2005.

QUER, J. **When agreeing to disagree is not enough: Further arguments for the linguistic status of sign language agreement**. *Theoretical Linguistics*, 37(3–4), 189–196. 2011.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREM, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**, São Paulo: Atlas, 2003. p. 76-97.

SÁ, Thaís Maíra Machado de.; SOUZA, Guilherme Lourenço de.; LIMA, Maria Luiza da Cunha; BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **Definiteness in Brazilian Sign Language: a study on weak and strong definites**. *ReVEL*. v. 10, n. 19, 2012. [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].

SANDLER, Wendy. **Phonological Representation of the Sign: Linearity and Nonlinearity in American Sign Language**. Foris, Dordrecht. 1989.

WILBUR, R. B. Complex predicates involving events, time, and aspect: Is this why sign languages look so similar?" In: **Signs of the time: Selected papers from TISLR 2004**, ed. by Josep Quer, 217—250. Hamburg: Signum--Verlag. 2008.

WILBUR, R. B. **The point of agreement: Changing how we think about sign language, gesture, and agreement**. *Sign Language & Linguistics*, 16(2), 221–258. 2013.

ZESHAN, U. **Indo-Pakistani sign language grammar: a tipological outline**. *Sign Language Studies*, Washington, v. 3, n. 2, p. 157-212, winter, 2003.

ZORZI, Giorgia. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. 2018a. 410f. Tese (Doutorado em Linguística e línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.